

Adquirindo conhecimento no processo de construção de roupas: ouvindo as vozes dos alunos

ACQUIRING KNOWLEDGE IN THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF CLOTHING: LISTENING TO THE VOICES OF THE STUDENTS

NOVAES, Maristela; Ms.; Universidade Federal de Goiás, telanovaes@gmail.com¹

Resumo:

Este artigo analisa parte dos dados levantados numa atividade de modelagem de tecidos em pedras, uma estratégia de ensino aprendizagem com alunos do curso de Design de Moda da FAV|UFG. A metodologia usada é a pesquisa qualitativa e objetiva compreender as percepções e sentidos dos alunos sobre a experiência e sua contribuição para o processo de ensino aprendizagem em modelagem de roupas.

Palavras – chave: ensinoaprendizagem, modelagem, tecidos em pedras.

Abstract:

This article examines some of the data collected in a modeling activity in fabrics of stones, a strategy of teaching and learning with students of Fashion Design of the FAV|UFG. The methodology used is qualitative research and aims to it understand the perceptions and feelings of students about the experience and its contribution to the process of teaching and learning in modeling clothes.

Keywords: teaching and learning, modeling, support, fabric and stones.

Introdução

Como docente de disciplinas da área de criação e tecnologia do Curso de Design de Moda do Curso de Design de Moda da FAV/UFG, me interessam a visualidade da moda e o processo de aprendizagem dos meios de concepção e construção de formas em vestuário. Esse interesse nasceu da percepção de questões relativas ao programa e à carga horária mínima da disciplina de modelagem em 1998, quando da minha primeira atuação como docente. Diante da matriz curricular do curso de Design de Moda da FAV/UFG, àquela época e ainda hoje, comecei a investigar estratégias que pudessem colocar os alunos diante dos elementos primários da

¹ Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais, bacharel em Arquitetura e Urbanismo, com atuação na indústria da moda, em Goiás, desde 1986. Atualmente é docente no Curso de Design de Moda da FAV/UFG. Disponível em: www.fav.ufg.br.

modelagem de roupas. Diante dessa questão entendi que suporte/corpo, material e contexto são os elementos fundamentais da modelagem de roupas. Essas relações podem determinar um método de trabalho.

Na impossibilidade de trabalhar com o corpo real e com o manequim de costura àquela época, adotei a pedra como suporte e planejei a atividade de ensino-aprendizagem de modelagem de tecidos em pedras. Esta é a primeira atividade da disciplina de Modelagem Plana e Tridimensional I, realizada com alunos do 2º período desse curso, uma introdução aos processos de construção de roupas. Seu objetivo é levar o aluno a experimentar e refletir sobre relações entre suporte (corpo/pedra), material e método na modelagem de roupas através da construção de objetos vestimentários², além de uma reflexão sobre a experiência, incluindo a proposta pedagógica, o processo, desafios, alternativas e resultados/soluções. Diante da complexidade dos resultados obtidos com a atividade, elaborei submeti um projeto de pesquisa em nível de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual na FAV | UFG objetivando compreender as percepções e sentidos dos alunos dessa disciplina, turma 2009, sobre essa experiência e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem o que significa investigar como eles constroem seus próprios repertórios para a prática da modelagem de roupas. A pesquisa foi concluída em março desse ano e esses dados são parte dos dados analisados dessa dissertação³.

A estrutura da atividade de tecidos em pedras

A atividade se estrutura em quatro etapas: 1. o preenchimento de um questionário inicial (QI), atividade individual; 2. a modelagem de tecidos em pedra, atividade desenvolvida em duplas ou trios; 3. uma sessão reflexiva (SR), que é um debate coletivo diante dos objetos vestimentários produzidos na atividade; o preenchimento do questionário final (QF), atividade individual; além da leitura e assinatura do termo de consentimento para aqueles que disponibilizam dos dados para pesquisa. O termo de consentimento é elaborado segundo as normas do comitê de ética da UFG e os alunos escolhem um codinome com o qual serão identificados, visando resguardar suas identidades.

² Denominação que dou aos artefatos criados nessa atividade e que objetivam vestir as pedras.

³ NOVAES, Maristela. Caminho das pedras: uma *ressignificação* do olhar e da experiência no processo de construção de roupas. A pesquisa foi feita sob a orientação da Prof^a Dr^a Irene Tourinho e co-orientação da Prof^a Dr^a Rita Andrade.

As pedras oferecidas para suporte da modelagem são seixos dolomita, ou seixos de Goiás, de aproximadamente 2,0 kg, arredondadas e disformes. A quantidade de pedras é sempre superior à quantidade de duplas, resultante da divisão da turma para o trabalho em grupo, de modo a permitir a escolha do suporte pelos alunos. O morim, um tecido 100% algodão e de fácil manuseio é o material básico oferecido para o trabalho de modelagem. Ele é cortado em quadros de 30 x 30 m cm, e oferecido em grande quantidade.

Os utensílios disponibilizados para essa experiência de modelagem são: alfinetes em profusão e uma agulha de mão para cada aluno/participante e tesoura de mão para uso geral também em aço inoxidável. Este material é disposto, previamente, numa mesa de 2,5 x 5,0 x 0,90 m, com acesso facilitado a todos pelos quatro lados e fica coberto até que os alunos sejam solicitados a dar início à atividade de modelagem de tecidos em pedras, segunda etapa do processo.

Não há instruções ou um planejamento prévio para a modelagem de tecidos em pedras. Ela é feita de forma espontânea e empírica, ou seja, sem um método ou um direcionamento prévio sobre as o processo e técnica a ser executado. A proposta é experimentar as possibilidades que os materiais e suporte oferecem, resgatando e ampliando o repertório dos próprios alunos.

Material e metodologia

A modelagem de roupas é um ato de interpretação, já que essa prática envolve a subjetividade do sujeito. Ela é uma etapa do processo de construção de roupas e envolve a criação de formas, volumes do corpo e da morfologia da roupa. Ela pode ser realizada pela modelagem geométrica⁴ ou modelando diretamente a matéria sobre o suporte (manequim de costura e/ou modelo vivo), como no caso da modelagem tridimensional.

A adoção da pesquisa qualitativa como metodologia que orienta a atividade e a pesquisa, se justifica em muitos aspectos. Mas é relevante o fato de comungar com o entendimento de que, “o conhecimento é socialmente construído em um diálogo entre o mundo e a consciência humana” uma vez que todo o ser humano é uma

⁴ Adoto o termo modelagem geométrica, usado pela Tecnicus ([1948?]) por sua expressividade, pois se refere a um partido projetual em que a reprodução da superfície do corpo, em um plano, em sua gênese de formação, parte de suas proporções e da geometria. O termo “modelagem plana”, por sua vez, pode indicar uma gênese de formação ou um estado da modelagem tridimensional, o que o torna ambíguo.

forma interpretativa de ser (KINCHELOE, 2007, p. 102). Essa metodologia nos permite ter acesso a dados que nos levam a uma concepção interpretativa para a compreensão do fenômeno em questão, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes (CRESWELL, 2007, p. 188) em que método, objeto e processo não podem ser considerados separadamente.

Como pontua Creswell (2007, p. 186), “os dados coletados envolvem dados em textos (ou palavras) e dados em imagens (ou fotos)” além dos objetos vestimentários. Os arquivos de registro da atividade da turma analisada, a de 2009, somam: 1. Questionários iniciais e finais: 17 unidades; 2. Objetos vestimentários: 8 unidades (resultado de trabalho em sete duplas e um trio), 3. Transcrições das participações dos alunos na sessão reflexiva e 4. meu diário de campo (DC).

Experiência como processo de construção de conhecimento

Modelar roupas é um ato de *formar e transformar* a matéria. Essa atividade é uma expressão simbólica. A matéria configurada, *matéria-forma*, numa síntese entre o geral e o único, é impregnada de significações, e, essa configuração torna o conteúdo expressivo passível de comunicação (OSTROWER, 1987).

A modelagem geométrica é concedida em base plana e a modelagem tridimensional, geralmente, em tecido sobre o suporte. A modelagem geométrica é constituída de signos geométricos (linhas, curvas, retângulos, marcações de pences, pregas, etc.) e matemáticos (medidas e equações), os quais, quando apresentados isolados, como produtos (conclusão intelectual), representam uma massa de idéias arbitrárias e sem sentido impostas de fora para dentro. A modelagem geométrica pode ser um produto do conhecimento, mas o conhecimento pode ser adquirido através de seus processos (SEVERINO, 2007).

A modelagem tridimensional de roupas, é um método escultórico, trabalha suporte/corpo e matéria simultaneamente, estabelecendo um diálogo direto entre o imaginário, o comportamento da matéria e o suporte/corpo, proporcionando ao construtor de roupas maior domínio das formas e das proporções, além da visualização de acabamentos e das margens de junção ou união das partes da roupa. Também ela pode partir de alguns princípios básicos.

O material com o qual se fazem roupas consiste em qualidades; o material da “experiência que tem uma conclusão intelectual consiste em sinais ou símbolos”

(KAPLAN, 2010, p. 16). A modelagem geométrica também pode proporcionar uma experiência vivenciada qualitativamente, mas o fará a partir de uma representação de coisas, como a forma do corpo e os elementos da modelagem. Diferentemente dessa técnica, materializar uma morfologia do corpo/pedra e/ou do objeto vestimentário nesse processo de modelagem implica encontrar uma solução simbolicamente expressiva daquilo que se quer representar, de modo que tal solução resulte numa posição e numa forma para acomodar a matéria, ou seja, para transformar o tecido e para isso não há regras ou símbolos pré-estabelecidos.

O processo de trabalho da atividade de modelagem de tecidos em pedras envolve uma experiência direta, que implica o fazer —, estabelece um diálogo íntimo entre uma vivência, o imaginário, o material, a morfologia do suporte/corpo e a morfologia desejada para o objeto vestimentário. Nessa atividade de modelagem, o percurso não está pronto. Ao contrário, ele deve ser construído na experiência e seu “fazer chega ao fim quando seu resultado é vivenciado como bom — e essa experiência não vem por um mero julgamento intelectual e externo, mas na percepção direta” e envolve poderes de execução e uma “sensibilidade inusitada às qualidades das coisas” (DEWEY, 2010, p. 130).

Trabalhar a pedra, como uma metáfora do corpo, e um material como o morim implica trabalhar uma relação para a qual não temos um método sistematizado. O trabalho parte do suporte e retorna ao suporte. A pedra como um objeto é sólido, rígido, e nesse sentido a experiência pode proporcionar ao aluno “o conhecimento da forma e das medidas do corpo/suporte, o que aplicado a projetos de produtos é denominado antropometria (BOUERI, 2008). No entanto, a relação do corpo com o contexto é mediada pela roupa que “cria um espaço que acomoda o corpo a partir do qual se estabelece uma nova relação com o mundo circundante” (SALTZMAN, 2008, p. 305) e essa relação, que inclui o movimento, está inscrita no campo da ergonomia. A experiência de modelagem de tecidos em pedra explora o suporte e o material como forma e proporção.

Meu objetivo é questionar os alunos sobre o processo de um trabalho mecânico, racionalizado, externo a ele e colocá-lo diante de uma situação em que a imaginação não seja subordinada, mas cumpra seu papel no processo de criação da forma e dos “rumos” que deve seguir, a fim de transformar a “matéria”, de modo que a imaginação possa levar a efeito a sua parte: a de formar a matéria que orienta a

ação criativa (OSTROWER, 1987), ao mesmo tempo em que essa matéria é transformada por essa mesma ação que reconfigura o sujeito.

Nessa proposta, a experiência foca a relação entre saber sensível e conhecimento inteligível, convidando os alunos ao trabalho prático e reflexivo. Ela foca a relação entre saber sensível e conhecimento inteligível, convidando os alunos ao trabalho prático e reflexivo. A roupa é um artefato, sua visualidade está impregnada de sentido. Além disso, essas ferramentas (QI, QF e SR) proporcionam uma prática sugerida por Tourinho (2009, p. 151), quando ela afirma que “os discursos sobre o visual e o discurso visual que os professores conhecem devem ser reconstruídos a partir da escuta dos discursos que os alunos sabem e podem elaborar”.

Ouvindo as vozes, analisando dados

Considerando os objetivos, já expostos, optei por uma análise segundo a sequência das etapas do processo: as concepções prévias (QI) sobre modelagem, elementos e processos da atividade; a reflexão coletiva (RS), com exposição do processo, partido de construção e descrição do objeto e, por fim, as concepções posteriores (QF), o significado da experiência, os elementos fundamentais e o processo de modelagem e relação entre o processo de modelagem de roupas e a experiência com as pedras. Para esse artigo uso esse percurso para fazer um recorte, analisando o processo de quatro alunas que trabalharam em duplas: grupo 1 (G1) de Madame X e Lolita e o grupo 4 (G4) integrado por Virgínia e Poli. A escolha se dá em função das propostas dos partidos projetuais escolhidos por esses grupos terem em comum um partido indiciário e um olhar para o suporte, e serem contrastantes quanto aos processos de modelagem e aos partidos de cobrir e/ou descobrir o objeto.

Madame X [1], demonstra uma visão seguitada do processo de modelagem quando diz:

[1] É o processo de adaptação do tecido para as medidas do corpo, isto é, a transformação de um tecido (plano) em peças que acomodam as formas e proporções de um “manequim” (sic) e que pode também ser usada para acentuar curvas, acrescentar volumes em pontos específicos. [...] (Sobre o processo) retira-se as medidas, traça-se os moldes, passa-se os moldes para o tecido. (Madame X – QI).

Ela parte do tecido e das medidas do corpo acomodando proporções de um “manequim”. Entendo que as medidas às quais Madame X [1] se refere representam um tamanho preestabelecido, vinculado a padrões instituídos pela indústria do vestuário que trabalha a produção em série. Nesse viés, o manequim,

suporte da modelagem, pode ser também um produto dessa padronização, “com medidas e formatos próximos ao do biótipo mediano feminino, masculino ou infantil” (SABRÁ, 2009, p. 95). Adaptar o “tecido para as medidas do corpo” como menciona Madame X [1] me leva a pensar que ela se refere ao corpo padronizado idealizado. No depoimento [1] ela fala de acentuar curvas, acrescentar volumes em lugares específicos o que me remete a um jogo de figuração e abstração da morfologia do suporte na construção da roupa. No entanto, a proposta de objeto vestimentário desse grupo trabalha apenas com a forma figurativa e num processo indiciário, reconstruindo a morfologia do objeto pelo material têxtil e sobre o suporte. Para Virgínia [2], integrante do grupo 4 (G4) o fundamental para a atividade modelar roupas é:

[2] Talvez saber interpretar o croqui e seguir corretamente as medidas pedidas. (Virgínia – QI).

Observo e resalto, neste relato, a ausência da referência ao corpo e uma concepção de roupa que parte do desenho. Essas palavras reforçam o sentido de um processo segmentado, distanciado de seu objeto-foco, que é o corpo. Assim, o corpo fica invisível, inatingível. Esse grupo optou por um processo singular em relação ao restante dos participantes da atividade: trabalharam com a forma figurativa e num processo indiciário, porém, reconstruindo a morfologia do objeto primeiro com um papel pautado sobre o suporte e posteriormente transferiram a forma para o material têxtil. Foi o único grupo a usar material próprio, não ofertado para a atividade.

A sessão reflexiva (SR), etapa seguinte, foi um espaço projetado para um debate após o processo de modelagem de tecidos em pedras. Além de permitir uma discussão aberta sobre o processo, a ela enfatizava a oportunidade de um encontro onde o grupo se reuniria para pensar a experiência. Para essa reflexão em grupo, estimei o debate através dos seguintes tópicos: conceito de modelagem; relação suporte/roupa/processo e relação da experiência de modelagem de tecidos em pedra com a modelagem de roupas.

Apesar dos depoimentos de Virgínia e Madame X, membros dos dois grupos, nos questionários iniciais (QI), permitirem uma compreensão de uma concepção de construção de roupas embasada na seriação e distante do suporte, veremos a seguir que outro ponto comum entre esses trabalhos é que diante das pedras elas

estabeleceram uma grande preocupação com a morfologia do suporte, como aparece no extrato a seguir:

[3] Nós pensamos em cobrir a pedra do jeito mais fácil que nós (entendemos). Ela é uma pedra (...) e ela precisa de uma roupa, tipo uma vestimenta de uma pedra, nós pensamos só na forma mais simples de fazer, aí nós jogamos o algodão cru em cima, desenhamos, marcamos (...) e depois nós viemos com os alfinetes furando os dedos (risos), e começamos a costurar. Fizemos recorte aqui, aqui também, para definir bem a forma dela. Para pedra ficar bem à vontade. (Lolita – SR). OVG. 1. Fig. 1.

Fazer “recortes para definir a forma” da pedra e, ainda, deixar a pedra “bem à vontade” são evidências de uma preocupação com conforto, ou seja, com a vestibilidade da roupa e também, da relação suporte/roupa/técnica que a participante construiu durante a experiência. Tais relações são reafirmadas, de forma muito clara e transparente, por Lolita [4], quando responde pelos critérios do grupo para a escolha da pedra:

[4] (Pegamos) a mais diferente de todas, (não) porque tem () buracos, e a forma dela é toda incerta, mas porque ela é toda diferente... (Lolita – SR). OVG. 1. Fig. 1.

O processo de modelagem relatado por Lolita [3] é muito próximo aos fundamentos da técnica tridimensional (RELIS, 1993; NIEPCERON, 2001; ARMSTRONG, 2008; GRAVE, 2010): acomodar o material sobre o suporte, definir a forma, marcar a forma no material, costurar. A modelagem, no entanto, requer uma tomada de partido, que pode ser o de cortar ou não a matéria, cobrir ou expor, comprimir ou expandir, etc.

[5] Ai, gente! Mas tem uns recortes que tem que acomodar ela (a roupa) nas deformidades dela (pedra)... (Madame X – SR). OVG. 1. Fig. 1.

No depoimento anterior, Madame X [5] evidencia uma preocupação de acomodação da roupa ao suporte pela técnica tridimensional, adota o partido do corte e da costura e reproduz a forma do suporte em planos articulados pela costura quando menciona os “recortes”. Nesse processo, elas optaram por um partido que cobre todo o suporte, e a costura (margens e pontos de costura) assume um papel fortemente expressivo na composição do objeto. Esse objeto vestimentário (OV) (Fig. 2), cobre todo o suporte de forma “estática definida e encerrada” (SALTZMAN, 2008, p. 308), diferentemente da proposta do grupo 4 (G4), de Virginia e Poli, como relata o depoimento a seguir:

[6] Fazer aqui é mostrar mais a pedra. Nós gostamos assim da pedra, e só colocamos umas coisinhas assim... Nós tentamos também nos

apropriarmos da forma dela. Nós montamos primeiro as formas, e fizemos um tipo de capinha para ela... (Virgínia – SR). OVG, 4. Fig. 2,.

[7] Deixou ela mais à mostra, assim... (Virgínia – SR). OVG, 4. Fig. 2.

As observações de Virginia [6 e 7] evidenciam o olhar do grupo 4 (G4), também direcionados para o suporte e para uma proposta que assume suas formas, mas criando uma vestimenta que não tem a intenção de “cobrir”, ao contrário, que expõe o corpo do objeto à apreciação. Os planos foram articulados com costura, mas sem a expressividade dada a ela por Madame X e Lolita (G1).

Os processos descritos pelos componentes dos grupos G1 e G4 e registrados no meu diário de campo (DC), indicam alguns pontos em comum e outros contrastantes, e os produtos são distintos quando um o cobre e o outro o expõe.



FIG. 1 — Objeto vestimentário do grupo 1 (G1), Madame X e Lolita, turma 2009. Da esquerda para a direita, vista 1, 2, 3 e 4. Fonte: Arquivo da autora.



FIG. 2 — Objeto vestimentário do grupo 4 (G4), Virgínia e Poli, turma 2009. Da esquerda para a

Analisando os questionários finais (QF) observo uma transformação da percepção como contribuição da experiência. A compreensão prévia do que vem a ser o processo de modelagem de roupas por Virgínia, descrita no extrato [3], se dá a partir do molde e caminha rumo ao corte e à costura. Ela foi ressignificada na experiência como vemos no próximo extrato.

[10] Para mim, o fundamental é adaptar a roupa ao objeto, respeitando suas formas e valorizando-as. Criar possibilidades de peças de moldes para cada caso específico. (Virgínia – QF).

Virgínia fala primeiramente [3] em “seguir corretamente as medidas” e, posteriormente [10], em “criar possibilidades de peças de moldes para cada caso específico”. Esse re-posicionamento da aluna me leva a pensar que ela caminhou na direção de compreender o conhecimento das técnicas de modelagem como resultado de uma construção na experiência e segundo especificidades do contexto. Apesar de Madame X [2] mencionar que para a construção de roupas retira-se as medidas no processo de modelagem de tecidos em pedras nenhum dos participantes usou material para mensurar as pedras e isso não impediu a concepção de uma considerável diversidade de objetos vestimentários. Outro fator importante a ressaltar é o entendimento de que a concepção da roupa parte do desenho quando na experiência nenhum dos participantes usou esse recurso para a concepção dos artefatos.

Os artefatos criados são aqui entendidos como discursos visuais e essa análise produz um discurso sobre o visual. Percebo que a leitura visual/análise dos objetos e a exposição dos processos e meios experimentados na atividade, no debate coletivo, ou seja, na socialização da experiência na sessão reflexiva (SR), foi fundamental para compreender as percepções expressas no questionário final, pois as consequências vivenciadas em decorrência do agir parecem ter sido incorporadas como o significado de atos posteriores, porque muitas relações entre o fazer e o vivenciar ficaram expressas nessas respostas (DEWEY, 2010).

Considerações finais

A proposta de modelagem de tecidos em pedras gerou o reconhecimento, por parte dos alunos, de que o conhecimento de técnicas pode ser construído na experiência. A analogia pedra-corpo serviu para questionar e expandir a compreensão sobre modelagem de roupas, conforme registro através de vários depoimentos que analisei anteriormente. Nesse sentido, posso dizer que a experiência colabora para uma compreensão da criação e da modelagem como atividades imbricadas no processo de construção de roupas, favorecendo o uso desse recurso para o desenvolvimento de produtos. Também observo que a experiência contribui para o entendimento de que, no processo de modelagem, o resultado é uma forma gerada pelas relações de interdependência entre matéria, suporte, ações e idéias.

Referências:

ARMSTRONG, Helen Joseph. **Draping for apparel design**. New York: Fairchild Publications, 2008.

BOUERI, José Jorge. **Sob medida**: antropometria, projeto e modelagem. In: PIRES, D. B (Org.). Design de moda: olhares diversos. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GRAVE, Maria de Fátima. **Modelagem tridimensional ergonômica**. São Paulo: Escrituras, 2010.

KAPLAN, Abraham. Introdução. In: DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KINCHELOE, Joe L. **Redefinindo e interpretando o objeto de estudo**. In: CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NIEPCERON, Jeannine. **Moulage**. Niepceron, Bruno (Dir. ger.). Paris: s. n., 2001. CinéPlume. 4 CD-ROM.

NOVAES, Maristela. **Caminho das pedras**: uma *ressignificação* do olhar e da experiência no processo de construção de roupas. Goiânia, 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://www.fav.ufg.br/culturavisual/index.php?sessao=dissertacoes>>. Acesso em 02, junho de 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

RELIS, Nurie; JAFFE, Hilde. 2. ed. **Draping for fashion design**. New Jersey: Englewood Cliffs, 1993.

SABRÁ, Flávio. (Org). **Modelagem**: tecnologia em produção de vestuário. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2009.

SALTZMAN, Andrea. **El cuerpo diseñado**: La forma em el proyeto della vestimenta. Buenos Aires: Paidós, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TECNICUS. **Enciclopedia “la moda maschile”**: ad uso del tagliatore sarto da uomo. 12ª Edizione. Milano: Ed. La Moda Maschile, ([1948?]).

TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p. 141-156.